

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

O PAPEL ARGUMENTATIVO DA CORRELAÇÃO

Lilian Manes de Oliveira (UNESA)

manes@vetor.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo focar o poder argumentativo das estruturas correlativas. Embasado teoricamente no conceito de renomados filólogos, que negam ou reconhecem a correlação como processo sintático, amplia o campo de estudo até o discurso, demonstrando seu papel relevante no sentido de convencer o leitor das idéias de quem escreve. Compõe o *corpus* o ensaio “O pior adversário de Zé Roberto”, do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista *Veja*, de 21 de março de 2007.

DESENVOLVIMENTO

O aspecto morfossintático da correlação

O conceito de correlação como processo sintático é controverso, uma vez que renomados autores o aceitam, outros apenas o vêem como uma modalidade da subordinação ou coordenação; alguns nem mesmo o citam. Dentre os primeiros, destaca-se José Oiticica, que considera a correlação como um processo diferente da coordenação e subordinação, manifestando-se por meio de quatro modalidades: comparativa, aditiva, consecutiva e latente (esta última, assim chamada por ter o verbo elíptico). Afirma o mestre:

Para analisar os períodos compostos por correlação, separam-se os dois membros correlatos e analisam-se separadamente, prendendo a segunda oração ao termo intensivo da primeira. Sendo tidas, em geral, como casos especiais da subordinação, cousa inadmissível, pouco se têm ocupado as gramáticas e o métodos com as correlações, dificultando imensamente o estudo da análise... (Oiticica, 1955, p. 245-246)

Ainda no período anterior à NGB, aprovada, em 28/01/59, pela Portaria Ministerial número 36, outros autores aludem à correlação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Júlio Ribeiro (1919, p. 251), apenas lhe faz uma referência morfológica, quando cita os adjetivos correlativos, explicitando que *tal* é correlativo de si próprio e de *qual*; *quanto* de *tanto* etc.

Também formal é a abordagem de Epiphânio Dias, ao relacionar as conjunções comparativas; cita a conjunção *como*, que se apresenta, por vezes, correlacionada a *tal* ou *tanto*; este último, por sua vez, pode ter o correlativo *quanto* (Dias, 1970, p. 295).

Maximino Maciel (1925, p. 379 e 380) define a correlação como “a correspondência sintática de duas palavras na proposição, entre si *dependentes*”. Acrescenta que ela se faz similarmente, por meio de palavras iguais, ou dissimilarmente, mediante palavras diferentes. Admite o termo proposições correlativas como sinônimo de consecutivas (consecutivas), incluindo-as na subdivisão das subordinadas.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira não elencou, dentre seus processos sintáticos, a correlação. Mattoso Câmara Jr. (1972, p. 68) a aplaude, criticando tal conceito, acusando-o de partir do “falso pressuposto de que a oração tem sentido ‘completo’, o que é interpretado como não devendo apresentar elementos que só se explicam pela presença da oração seguinte.” Faz restrição aos tipos de correlação apontados por alguns gramáticos (consecutiva, comparativa e aditiva). Considera os dois primeiros casos subordinação e o terceiro, coordenação aditiva enfática.

Macambira (1974, p. 97) não menciona a correlação como processo sintático independente. No capítulo sobre Morfologia, chama acidentais as conjunções “que, além de pertencer à classe das conjunções, podem pertencer a outra classe qualquer, sobretudo o advérbio”. Dentre essas, enfatiza que *como*, *quanto* e *quão* são comparativas em correlação com *tão* ou *tanto*; *que* ou *do que* com *mais* ou *menos*. Acrescenta, ainda, que *tão* pode estar subentendido.

Rodrigues (2004, p. 57) ressalta que “a terminologia construções comparativas... permite englobar estruturas oracionais e não-oracionais. Isto deve-se ao fato de as construções comparativas envolverem dois tipos de mecanismos sintáticos – a correlação e a subordinação”. Reconhece, portanto, um terceiro processo – correlação

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

-, que se deve acrescentar aos processos de coordenação e subordinação.

O ASPECTO DISCURSIVO DA CORRELAÇÃO

Pauliukonis (1996, p. 46) “considera a comparação correlativa como o grande recurso argumentativo da linguagem cuja estruturação permite transformá-la em um forte operador argumentativo do discurso”.

A Análise do Discurso engloba conceitos como pressupostos e subentendidos, conhecimento do mundo e compartilhado, papéis discursivos, intertextualidade, o que fortalece a analogia entre dois termos que se vão correlacionar. É o que se pretende demonstrar na análise do texto que segue.

Todo procedimento argumentativo só pode funcionar a partir de um consenso sobre determinados valores. Para Charaudeau (1992, p. 815-821), os valores se classificam em éticos, estéticos, pragmáticos e hedonísticos. Os éticos se apóiam na oposição bem *versus* mal, justo *versus* injusto; expressam modelos de conduta: solidariedade, fidelidade, disciplina, honestidade, lealdade. Os estéticos se baseiam na oposição feio *versus* belo. Os pragmáticos, útil *versus* inútil. Os hedonísticos, agradável *versus* desagradável.

A ANÁLISE DO CORPUS

O autor se utiliza de comparações correlatas e não-correlatas. Ao empregar a correlação como elemento estrutural da frase, enfatiza, por meio de dois conectores, a intenção argumentativa de convencer o leitor quanto a valores éticos, que norteiam a trajetória do jogador Zé Roberto.

Parágrafo II: “Foi um dos poucos que escaparam com a reputação intacta – aliás bem robustecida – do naufrágio de uma turma **mais** propensa ao exibicionismo e às baladas noturnas **do que** aos labores do gramado”. Ao exaltar a disciplina do atleta, suas críticas pressupõem a atitude descompromissada de alguns jogadores da seleção brasileira, críticas que espelham o procedimento intertextual

empregado pelo autor, ao referir-se negativamente ao comportamento de tais jogadores, em ensaio anterior (Toledo, 2006, p. 130).

Parágrafo VI: “... e Zé Roberto, que é inteligente e **tão** elegante fora **quanto** dentro do campo...” Pompeu continua a exaltação ética da personalidade do jogador.

Parágrafo VII: “(O Brasil) perde também para países em que não se vislumbra razão para possuírem mercados futebolísticos **mais** fortes **que** o brasileiro, como Ucrânia e Turquia”. O articulista acentua, nesse último parágrafo, o contraste entre o valor do profissional em questão e a situação brasileira caótica.

Toledo dirige, então, o pensamento do leitor para a reflexão sobre o impacto que o clima de violência exerce sobre profissionais de alta categoria. Os argumentos apresentados remetem aquele que lê à tese do texto: **O medo da violência e da criminalidade está fazendo emigrarem do país os jogadores brasileiros de primeira qualidade.**

CONCLUSÃO

A teoria da correlação, amplamente defendida por José Oiticica, atacada ou quase totalmente esquecida pelos gramáticos da segunda metade do século XX, ressurge, respaldada, nos modernos estudiosos, que reconhecem em seu objeto *status* de processo sintático e efeito de grande valor discursivo, como recurso de argumentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l' expression*. Paris: Hachette, 1992.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1970.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida*. Porto Alegre: Globo, 1971.

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1974.

MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

OITICICA, José. *Manual de análise – léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Comparação e argumentação: duas noções complementares. **In:** SANTOS, Leonor Werneck dos. *Discurso, coesão, argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. O período composto: subordinação e correlação. **In:** VIEIRA, Sílvia Rodrigues e BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português*: reflexões e propostas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. O pior adversário de José Roberto. *Veja*, 21 de março, 2007.

———. Recomendações para a Copa de 2010. *Veja*, 12 de julho, 2006.

O CORPUS

O PIOR ADVERSÁRIO DE ZÉ ROBERTO

Roberto Pompeu de Toledo

I. O jogador Zé Roberto continuará no Brasil no segundo semestre? Fiquemos de olho. Assim como o INPC mede a inflação, o índice Bovespa o comportamento das ações e o risco-país o humor dos investidores, a decisão do craque será um indicador da sensação de segurança/insegurança dos brasileiros.

II. Zé Roberto, para quem não é ligado em futebol, destacou-se como o melhor jogador da seleção brasileira na última Copa do Mundo. Foi um dos poucos que escaparam com a reputação intacta – aliás, bem robustecida – do naufrágio de uma turma mais propensa ao exibicionismo e às baladas noturnas do que aos labores do gramado. Zé Roberto (isso vai para aquela senhora que está coçando a cabeça e pensando: será aquele bonitinho, com nome que começa com “K”? ...ou o dentuço de rabo-de-cavalo?) é aquele negro com cabelo espetadinho como se enrolado em bobes e cavanhaque. Joga no meio-de-campo e tem na elegância do toque de bola a característica mais charmosa.

III. Mal surgiu para o futebol profissional, Zé Roberto bateu asas e voou, atraído pelo irresistível mercado europeu. É a sina, hoje em dia, dos bons e mesmo dos não tão bons jogadores. O Brasil, que antes não tinha problema em manter nos próprios campos um Pelé, um Tostão ou um Rivelino, aceitou gostosamente, de uns anos para cá, regredir à condição de mero exportador de matéria-prima, como nos tempos do café ou da cana-de-açúcar. Zé Roberto jogou oito anos na Alemanha. No ano passado, aos 32 anos, voltou ao Brasil e firmou contrato com o Santos. No atual campeonato paulista, com a camisa 10 que um dia foi de Pelé, tem sido uma das principais atrações dos estádios.

IV. De volta ao país depois de tantos anos na bonita Munique, vez por outra espiarecendo nos bosque da Baviera ou circulando pelas autobahns alemãs, deparou com o que já se sabe – uma vida mais áspera, cidades mais sujas- e, no terreno da criminalidade, com uma novidade, além do trivial variado de roubos, assassinatos e balas perdidas: os seqüestros de parentes de jogadores. Ainda na semana passada, deu-se o desfecho de um deles. A irmã do jogador Ricardo Oliveira, do Milan, da Itália, foi libertada, depois de 160 dias de cativo – o mais longo já registrado em São Paulo. Maria de Lourdes Oliveira, de 35 anos, foi mal alimentada, durante esse tempo todo e sofreu socos e chutes. Ao ser libertada pela polícia, depois de denúncia anônima que propiciou a localização do cativo, apresentava-se chocada e debilitada.

V. Foi o oitavo caso de seqüestro de parente de jogador de futebol, e o segundo de uma irmã, em São Paulo. Os outros foram de mães. Entre

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

esses, o mais notório foi o da mãe do jogador Robinho. Na época (2004), Robinho ainda estava no Santos – o mesmo Santos hoje de Zé Roberto – e desenrolava-se uma novela de vai-não-vai para o Real Madrid. O seqüestro da mãe ajudou-o a decidir-se pelo “vai”. Levou a mãe junto.

VI. Zé Roberto, durante um recente programa do canal SporTV, disse que estava indeciso entre ficar e ir embora, uma vez encerrado seu contrato de um ano com o Santos, em julho. Ele tem propostas da Europa. Perguntaram-lhe, no programa, se os salários pagos no Brasil a um jogador de primeira linha como ele, não são capazes de lhe garantir a independência financeira. Ele disse que sim. Subentende-se que esse lado, no seu caso não é o decisivo. A conversa mudou de rumo e Zé Roberto, que é inteligente e tão elegante fora quanto dentro de campo, abriu uma fresta para o que se passa em seu íntimo. Afirmou-se chocado com o Brasil que reencontrou – a violência, os crimes. Confessou-se inconformado com o fato de não poder usufruir no Brasil – “no meu país!” - aquilo que amealhou com seu talento e dedicação. Perguntaram-lhe se isso vai pesar na sua decisão. Respondeu que sim Ficou a impressão de que será o que mais vai pesar.

VII. O Brasil não perde jogadores apenas para superpotências do futebol como Espanha e Itália. Perde também para países em que não se vislumbra razão para possuírem mercados futebolísticos mais fortes que o brasileiro, como Ucrânia e Turquia. A conversão maciça do país em mero exportador, como a Guiné é de bauxita e o Equador de bananas, deve-se a uma mistura de má administração do esporte nacional com o conluio de dirigentes e empresários que têm nas transferências um milionário maná, mais o vírus cultural que inoculou nos jogadores a noção de que bom é jogar no exterior. A essas razões se deve agora acrescentar, da parte dos jogadores, o medo. É uma razão respeitável, porque diz respeito à conservação da liberdade, da integridade física e, em última análise, da vida. Dá para imaginar o que se passa pela mente de Zé Roberto quando sai para o treino ou o jogo e deixa a mulher e os filhos em casa. Mesmo estando fora, como Ricardo Oliveira, há o risco de ter um parente vitimado. Mas pelo menos a mulher e os filhos, a mãe, e os mais que se puder carregar, estarão em território seguro. Funciona como a instituição do asilo, para perseguidos e ameaçados em ditaduras ou guerras civis.